

Invasão paraguaia no Rio Grande do Sul: aspectos navais*

Paraguayan invasion in the Rio Grande do Sul: navy aspects

Luiz Augusto Rocha do Nascimento

Professor de História do Colégio Militar de Brasília. Pesquisador Associado do Centro de Estudos e Pesquisas em História Militar do Exército (CEPHiMEEx). Membro da Academia de História Militar Terrestre do Brasil. Associado da Associação dos Veteranos do Corpo de Fuzileiros Navais (SR-DF).

RESUMO

A invasão paraguaia na província brasileira do Rio Grande do Sul foi detalhadamente planejada. O presidente paraguaio, Francisco Solano Lopez, pessoalmente, coordenava as ações que a tropa realizou. A transposição de rios e arroios foi um dado importante no planejamento. Brasileiros e paraguaios tiveram nos rios a chave das operações.

PALAVRAS-CHAVE: Rios, Rio Grande do Sul, Guerra da Tríplice Aliança

ABSTRACT

The Paraguayan invasion in the Brazilian province of Rio Grande do Sul was planned in detail. Paraguayan President Francisco Solano Lopez personally coordinated the actions that the troop held. The transposition of rivers and streams has been an important input in the planning. Brazilian and Paraguayan rivers were the key operations.

KEYWORDS: Rivers, Rio Grande do Sul, Triple Alliance War

A Guerra da Tríplice Aliança começou com uma ofensiva paraguaia em três frentes. A primeira frente atacada foi o Mato Grosso chamado de província do Baixo Paraguai em 27 de dezembro de 1864. A segunda foi o assalto à província de Corrientes, ao norte da Argentina em 14 de abril de 1865. A terceira campanha foi na província brasileira do Rio Grande do Sul em 10 de junho do mesmo ano. Todas essas três campanhas apresentaram, no início, pleno êxito. No entanto, com o passar do tempo, sofreram reveses após as respostas aliadas.

A campanha paraguaia ocorreu após um minucioso planejamento. O Presidente Lopez era uma pessoa muito detalhista. Possuía vários espões percorrendo as áreas que invadiu durante o conflito. Conhecia a situação do Mato Grosso e seu particular abandono pelo Império. O ataque a essa província brasileira ocorreu com grande precisão e dominou com relativa facilidade o território do atual estado do Mato Grosso do Sul.

A invasão do Rio Grande do Sul também se deu após minuciosa preparação. As informações sobre o nosso território já se colhiam desde os tempos do Presidente Francia.

* Artigo recebido em 04 de outubro de 2015 e aprovado para publicação em 22 de outubro de 2015.

Este governante paraguaio fechou as suas fronteiras aos países vizinhos. Limitou a entrada de produtos brasileiros comercializados na fronteira somente pela cidade de Itapua¹ (atual Encarnación). Este comércio trazia, além de produtos para abastecer o país, informações sobre a província meridional brasileira. Essas informações serviram, anos depois, para preparar a invasão.

O território sul-rio-grandense exigia preparativos para transposição de cursos de água. O caminho que a força invasora percorreu possuía vários rios e arroios em seu caminho. Esses obstáculos naturais se postavam transversalmente ao itinerário percorrido. Portanto, o comandante invasor precisava, de antemão, possuir meios suficientes para transpor esses obstáculos que certamente o exporiam ao defensor brasileiro.

O objetivo deste trabalho é apresentar aspectos navais da Campanha do Rio Grande do Sul. Esses aspectos possuem uma relevância muito grande tendo em vista a importância da rede fluvial de todo o Teatro de Operações da Guerra, particularmente nos aspectos logísticos de comunicações, transporte e suprimento. Os rios e arroios desempenharam papel preponderante na história militar na Colônia e no Império. A Guerra da Tríplice Aliança ratificou essa importância conhecida.

A PREPARAÇÃO PARAGUAIA

A preparação das forças paraguaias para a Guerra da Tríplice Aliança ocorreu com muita antecedência. O governante do Paraguai, Francisco Solano Lopez, resolveu não seguir o conselho de seu pai, Carlos Lopez. Este governante teria, em seu leito de morte, aconselhado seu filho a não usar a espada para resolver seus problemas de fronteira. Seu filho, contudo, não seguiu esse conselho.

Lopez decidiu pela preparação de seu país para a guerra. Criou centros para treinamento das suas tropas. Entre eles estava o de *Itapua* (atual Encarnación), às margens do Rio Paraná. Lopez conduziu duas invasões na direção norte, sobre as áreas de fronteira *sub judice* na província do Mato Grosso (atual estado do Mato Grosso do Sul).

Uma segunda coluna avançou sobre a província argentina de Corrientes, onde

contava com simpatizantes argentinos, e outra sobre os brasileiros. Estas forças foram chamadas de Divisão do Sul. Duarte foi seu primeiro comandante. Depois foi substituído pelo Tenente-Coronel Antônio de la Cruz Estigarribia. Duarte participara de reconhecimentos da área invadida em Mato Grosso. Estigarribia fora ajudante de ordem de Lopez.

A formação das forças paraguaias iniciou-se a cargo do Major Pedro Duarte. Ele formou a tropa com recrutas das localidades vizinhas de *San Cosme*, *San Pedro del Paraná*, *Bobí*, *Del Carmen*, *Villa Encarnación*, *Jesus e Trinidad*. Lopez determinou para que entregassem todos os alistados às autoridades específicas que entregassem os alistados até 4 de maio de 1864².

O presidente paraguaio compreendia a importância da transposição dos cursos de água para os seus planos. Assim sendo, determinou a criação do *Batallón Nº 1 de Marineros "BOGAVANTES"*³. Isso ocorreu em fevereiro de 1865. Esse Batalhão se tornou o embrião do *Comando de Infanteria de Marina* que, em 2015, conta com três batalhões e um Comando Anfíbio. Correspondem, na Marinha do Brasil, aos Fuzileiros Navais.

Desde el 15 de abril de 1864, se encontraba en Encarnación el mayor Pedro Duarte, organizando una División de 12.000 hombres, El 16 de enero de 1865, vale decir, dos días después de la solicitud de tránsito de tropas paraguayas por territorio argentino y dos meses y medio antes de la declaración de guerra (29 de marzo), el mayor Duarte recibe orden de cruzar con su División el río Paraná e ir a acampar em *Pindapoi* (Misiones), sureste de Posadas, para asegurar una cabeza de puente frente a Encarnación y plantar la bandera paraguaya em el lugar. Com esta acción, Solano López trataba de colocar a Mitre ante um hecho consumado que le obligaría a aceder al permiso de tránsito de tropas paraguayas por Corrientes⁴.

Assim, percebemos que a passagem do Rio Paraná marcou um caminho sem volta. Lopez forçou os argentinos a entrarem



na luta e, para desgraça, ao lado dos brasileiros. A área invadida consistia em uma fronteira de litígio entre as duas repúblicas. Lopez, assim, usava a espada, não a pena, para resolver seus problemas de fronteira com seus poderosos vizinhos. As palavras do seu velho pai provaram-se proféticas.

AÇÕES PARAGUAIAS

O General Robles, comandante da coluna paraguaia que invadiu a Argentina, e o Tenente-Coronel Estigarribia, dentro da província de Corrientes, estavam separados por um *estero* (pantanal) chamado de *Yberá* (que significa lago resplandecente)⁵. As duas colunas estavam distantes cerca de duzentas milhas, impedindo a comunicação entre as colunas que invadiram essa província argentina.⁶

A Seção de Vogavantes (ou *Bogavantes*) contava com trinta canoas sobre carretas⁷. O Corpo de Vogavantes era constituído de carpinteiros e bons nadadores e tinha o encargo de construir e conduzir as canoas e dirigir a navegação fluvial, cabendo-lhe particularmente os trabalhos de transposição de cursos d'água⁸. As canoas estavam armadas⁹. Os homens do Corpo de Vogavantes estavam armados com fuzil como os infantes.

O deslocamento da Divisão do Sul paraguaia enfrentou a travessia de vários cursos de água. O deslocamento se deu desde o território correntino até se internar na Vila de Uruguaiana. Durante seu trajeto teve que cruzar os seguintes obstáculos: o Rio Uruguai; o Butuí; o Ibicuí; o Touropasso e o Imbaá.

A transposição do Rio Uruguai se deu com a utilização de grandes canoas, que tinham a capacidade de 20 a 25 homens e haviam sido trazidas em carretas pelo Corpo de Vogavantes¹⁰. Os paraguaios venceram no curto espaço de 12 horas, com uma força e material consideráveis, um dos mais caudalosos rios da América do Sul¹¹.

Os paraguaios se apoderaram de considerável número de canoas no Rio Uruguai, além das que trouxeram, e as utilizaram para manter as suas comunicações¹². Uma esquadilha de vinte canoas descia o rio Uruguai realizando a ligação entre as forças de Estigarribia e Duarte¹³. A tripulação se compunha de cinco praças de infantaria¹⁴.

Essas canoas também auxiliaram o Major Pedro Duarte a cruzar o Rio Aguapey (margem argentina)¹⁵.

O arroio Botuí se encontrava cheio em consequência das chuvas recentes e do represamento do Rio Uruguai. Com o auxílio, porém, da sua esquadilha de canoas, os paraguaios, em dois dias, venceram a travessia do curso d'água, na região do Passo do Rufino¹⁶. Utilizou para isso oito delas e concluiu sua travessia no dia 24 de junho de 1865¹⁷.

A coluna paraguaia deteve-se no Rio Touro Passo alguns dias tanto pela dificuldade de transposição do curso d'água quanto pela ameaça apresentada pelos brasileiros. Embarcações brasileiras fortemente artilhadas, sob o comando do Tenente Floriano Peixoto, impediam o livre movimento da esquadilha de canoas paraguaia pelo Rio Uruguai, na sua missão de ligação¹⁸. Deteve-se cinco dias nessa travessia. Utilizou uma ponte de canoas que mandara construir¹⁹.

AÇÕES BRASILEIRAS

O Brigadeiro Canabarro escreveu ao presidente da província do Rio Grande do Sul à época, João Marcellino de Souza Gonzaga, no dia 1^o de janeiro de 1865, lembrando a conveniência de completar-se a ação de suas tropas com seis lanchões armados de rodízios e guarnecidos de vinte homens cada um, que se encarregariam de vigiar diretamente o Rio Uruguai²⁰. Sua feliz ideia era empregá-los para policiar a navegação e cortar as comunicações dos paraguaios²¹.

Assim, o Império atuou com uma pequena flotilha no Rio Uruguai a comando do 1^o Tenente Floriano Peixoto. Ele estava na guarnição de Bagé, mas foi transferido para a guarnição de Uruguaiana, por ser oficial de confiança e ilustrado, visto ter sido nomeado para comandar a esquadilha composta do Vapor *Uruguai*, armado com uma peça de artilharia e de dois lanchões (São João e Garibaldi).

Os lanchões estavam artilhados com um rodízio, a fim de hostilizar, pelo Rio Uruguai, o inimigo que invadira e vinha assolando aquela parte do terreno da província²². A esquadilha do 1^o Tenente Floriano teve papel importante na Batalha de Yataí. Investiu contra as canoas paraguaias que conduziam re-

forços em tropas e armamentos, peando assim decisivamente na vitória dos aliados²³.

O ministro da Guerra, Conselheiro Ferraz, no próprio teatro dos acontecimentos, por intermédio do general comandante em chefe, General Caldwell, obrigou Canabarro a tornar sem efeito a sua Ordem do Dia nº 35 e abriu um inquérito em agosto de 1865 para apurar as causas da suposta negligência na defesa do território sul-rio-grandense²⁴.

O inquérito se realizou devido ao conteúdo dessa Ordem do Dia do General Canabarro. Mencionava que todas as ações que ocorreram, particularmente em não atacar a coluna paraguaia, foi o resultado de uma ação coordenada com os aliados, particularmente o General Osório. Mencionava que tratara com este general que a internação da coluna paraguaia em território da província seria a sua própria desgraça.

Contudo, a Ordem do Dia nº 35, expedida após a rendição paraguaia na Vila de Uruguaiana, soou como uma desculpa com relação ao que Canabarro não fizera durante a invasão. Os acertos que ele mencionara no documento não convenceram o ministro da Guerra, o qual, determinou um conselho para apurar os fatos, onde Canabarro foi o inquirido, e averiguações com relação às ações paraguaias, particularmente durante a transposição dos cursos de água existentes na província.

Uma comissão de engenheiros composta dos Capitães Sebastião de Souza e Melo e Francisco Xavier Lopes de Araújo e o 1º Tenente Sebastião A. Rodrigues Braga Júnior foi nomeada para levantar a planta do Rio Uruguai até São Borja e a do Rio Ibicuí até o Passo de Santa Maria, bem como examinar se era possível resistir-se à coluna paraguaia nos dois passos e mais nos arroios Touro Passo e Imbaá²⁵.

A Comissão estabeleceu seu parecer técnico sobre as ações realizadas durante a invasão paraguaia. Efetuada com rigor característico de suas formações, apontou várias possibilidades de defesa de nosso território pelas forças comandadas pelo General Canabarro. Contudo, todas as observações

se deram após os acontecimentos, com a calma de análise sem contar com a pressão dos fatos e sem a responsabilidade pelas decisões tomadas no calor do combate.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O itinerário paraguaio encontrou uma série de obstáculos no seu curso. Os paraguaios, sob o comando de seu presidente, se prepararam minuciosamente para sua travessia. Sabiam de antemão o que tiveram pela frente. A preparação se mostrou eficiente e os paraguaios lograram ultrapassar os obstáculos. Os *Bogavantes*, embrião de seus Fuzileiros Navais, foram eficientes.

As ações brasileiras para deter a invasão paraguaia poderiam se fazer frente aos rios, sobretudo o Ibicuí. Porém, Canabarro não se mostrou inclinado a enfrentar a força invasora. Sua força, como bem deve ser sempre lembrado, era mal treinada. Pela primeira vez, em uma guerra sul-americana, nossas tropas estavam em duas frentes: parte no Uruguai (melhor treinadas) e outra no Rio Grande do Sul (a se treinar em curto espaço de tempo).

A força paraguaia se estruturou com meios para se desembaraçar dos obstáculos. Logrou êxito em todas as travessias. Assim, a ação de seus *marinos* foi decisiva para a progressão da coluna paraguaia. Os meios foram, porém, se desgastando ao longo do itinerário. Estigarribia deixou tropas e meios para seu avanço pelo caminho. O impulso arrefeceu, aliado à falta de notícias de Lopez à medida que avançou território brasileiro adentro.

Este trabalho buscou mostrar alguns aspectos da invasão paraguaia ao Rio Grande do Sul. O episódio ainda se cerca de dúvidas de ambos os lados. Os paraguaios ainda não entendem a decisão de Estigarribia de se internar em Uruguaiana. Os brasileiros não entendem as ações de Canabarro em não atacar as forças paraguaias, particularmente durante a transposição de cursos de água. São perguntas não respondidas em 150 anos passados do conflito.

-
- ¹ Itapua era o único ponto de entrada de mercadorias e, também, de informações.
- ² CENTURIÓN, Juan Crisóstomo. *Memórias o Reminiscencias Históricas sobre la Guerra del Paraguay*. Tomo 1. Amé-
rindia Ediciones Correntinas. Corrientes, Argentina, 2013. p. 213.
- ³ ARMADA PARAGUAIA. *Comando de Infantería de Marina*, 2015. Disponível em <http://www.armadaparaguaya.mil.py/unidadcomim.html>. Acesso em 02 de out, 2015.
- ⁴ DELGADO, Coronel Teodoro Ramón. *La Conducción del Ejército Paraguayo em la Guerra de La Triple Alianza*. Interna-
cional Editora. Asunción, Paraguay, Agosto de 2014. p. 142.
- ⁵ O nome foi dado pelos jesuítas que o identificaram no período colonial.
- ⁶ THOMPSON, George. *A Guerra do Paraguai*. Traduzida por Homero de Castro Jobim. Editora Conquista. Rio de
Janeiro, 1968. p. 83.
- ⁷ THOMPSON, 1968, p. 83.
- ⁸ JÚNIOR, Antonio de Souza. *CAMINHOS HISTÓRICOS DE INVASÃO*. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro,
1950, p. 101.
- ⁹ MIRANDA, Salim de. *FLORIANO*. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro, 1963. p. 30.
- ¹⁰ JÚNIOR, 1950, p. 104.
- ¹¹ JÚNIOR, 1950, p. 116.
- ¹² THOMPSON, 1968, p. 84.
- ¹³ JÚNIOR, 1950, p. 104.
- ¹⁴ FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra Entre a Trílice Aliança e o Paraguai*. Biblioteca do Exército Editora. Rio
de Janeiro, 1956. Volume 1. p. 130.
- ¹⁵ FRAGOSO, 1957, p. 138.
- ¹⁶ JÚNIOR, 1950, p. 105.
- ¹⁷ FRAGOSO, 1957, p. 130.
- ¹⁸ JÚNIOR, 1950, p. 106-107.
- ¹⁹ FRAGOSO, 1957, p. 146.
- ²⁰ FRAGOSO, 1957, p. 106.
- ²¹ FRAGOSO, 1957, p. 146.
- ²² MIRANDA, 1963, p. 30-31.
- ²³ MIRANDA, 1963, p. 33.
- ²⁴ JÚNIOR, 1950, p. 114.
- ²⁵ JÚNIOR, 1950, p. 114.